

# O Positivismo Ilustrado no Brasil

*Carlos Jorge Paixão\**

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo destacar alguns pontos característicos da relação entre a Filosofia Positiva de A. Comte e um grupo de intelectuais brasileiros, denominados de positivistas ilustrados, que atuaram na Segunda metade do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Positivismo Ilustrado, Filosofia Positiva, Intelectuais brasileiros, Positivistas ilustrados.*

## INTRODUÇÃO

A Filosofia positiva de Augusto Comte (1798-1857) desponta no contexto do século XIX, um século marcado pela sombra das influências da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e da Independência dos E.U.A. Os ideais de liberdade ecoavam e atravessavam as fronteiras originárias, somadas a um esforço de implantação da lógica das ciências exatas e naturais, na busca do conhecimento através do formalismo, da experimentação, da mensuração e da crítica a qualquer representação metafísica.

Em seu “Curso de Filosofia Positiva”, COMTE (1830), expõe de maneira pedagógica a natureza de sua doutrina, que é um reflexo de seu tempo:

*Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história.*

Para uma compreensão da filosofia de COMTE é preciso uma leitura sobre o êxito das ciências exatas e naturais, traduzido nas aplicações

técnicas de um tempo em que a industrialização será determinante de todas as transformações sociais, uma vez que, o saber positivo, aquele que se constitui pela observação e pelas leis, segue o molde da física e da matemática, em busca de sínteses definitivas para a sociedade humana, leis invariáveis, que constituam um paradigma da ordem, única certeza da evolução do homem na direção do estado científico e de seu afastamento dos objetos tradicionais da metafísica, estes destituídos das características de positividade e avessos aos encaminhamentos da abordagem objetiva das ciências.

Doutrina da prática, cuja substância consiste na matematização das coisas e dos fatos, na busca da unificação e progressão das ações sociais; uma filosofia que tinha a pretensão de apresentar “a solução prática da crise da história moderna”, no dizer de Cruz Costa (1959 p. 15).

O positivismo penetra no contexto histórico do Brasil da segunda metade do século XIX, marcado por ideais republicanos, pelo liberalismo político, pela luta para a abolição dos escravos, pelo ecletismo e pela ascensão de uma burguesia urbana, que vai ser decisiva na transição império-república.

\* Mestre em Educação pela PUC/SP. Doutor em Educação pela UNESP. Prof. do C.C.H.E./Unama.

Sobre a nova burguesia emergente, João Cruz COSTA (1967, p. 124), apresenta o seguinte comentário:

*Um nova modalidade de burguesia, que se opõe à tradicional, a que em regra era tirada da aristocracia proprietária da terra e do instrumento de trabalho mais importante naquele tempo – o negro...*

*Em boa parte, eram representantes e herdeiros da incipiente burguesia de comerciantes ou de burocratas que surgira nas aglomerações urbanas e que em meados do século XIX, graças a transformações econômicas que então se processavam, procuravam dar às suas ações maior expressão e sentido.*

Essa “nova burguesia” vai ser responsável pela circulação de diversas formas de pensamento, originárias dos grandes centros europeus e da América do Norte onde buscavam inspiração não somente nas idéias e crenças, mas nas próprias realizações de países como França, Inglaterra e Estados Unidos da América. É dentro dessa camada social que se esboça a intelectualidade brasileira, formada por jornalistas, escritores, tribunos, professores, militares e religiosos.

Nossos principais representantes da “nova burguesia” e adeptos da filosofia positiva são: Luís Pereira Barreto, Benjamin Constant, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Silva Jardim, Júlio de Castilhos, entre outros. Estes, dividiam-se em positivistas: ortodoxos, revolucionários, evolucionistas e ilustrados.

Neste trabalho, vamos evidenciar alguns pontos referentes a um grupo de intelectuais brasileiros, adeptos do “positivismo ilustrado”, que segundo PAIM (1981), teve como figuras destacadas: Luís Pereira Barreto (1840/1923), Alberto Sales (1857/1904), Pedro Lessa (1859/1921) e, contemporaneamente, Ivan Lins (1904/1975).

## A FILOSOFIA POSITIVA NO BRASIL

O positivismo no Brasil não é uma mera reprodução da filosofia de COMTE, como esta se desenvolveu no cenário francês de sua origem, e sim, uma versão temperada pelo ecletismo que marcava os pensamentos dos intelectuais da segunda metade do século XIX, formadores de opinião dentro dos partidos políticos e das famílias de prestígios da época.

A respeito do século XIX e o movimento de busca na “Física Social” Comteana de um sentido para organização da sociedade humana à luz da dinâmica cientificista, BARROS (1986, p.109) nos explica que:

*A perspectiva dinâmica-histórica é o que singulariza o novo cientificismo. O filósofo deve compreender que a evolução humana obedece a leis rigorosas; que o determinismo presente no mundo natural é o mesmo que rege o desenvolvimento da humanidade.*

A Filosofia de Augusto Comte desejava elevar o “espírito humano” ao seu nível mais evoluído, conhecido como estado positivo, através de seu afastamento progressivo do plano teológico que representava o grande atraso da humanidade.

L. P. BARRETO (1876), líder dos “Positivistas Ilustrados” e um apaixonado pelo positivismo, declara a sua crença dizendo:

*Sabemos agora para aonde vamos. Temos a chave do futuro; possuímos o fio condutor que, com segurança, nos dirige através do presente dédalo social; podemos nitidamente determinar a nossa situação mental e prever o desfecho inevitável que o complexo do passado reserva às gerações que nos hão de suceder.*

Mesmo com o Império ainda de pé, as idéias surgidas na Europa do século XIX ganhavam adeptos no Brasil, fortalecendo em nossos intelectuais as aspirações de um governo republicano baseado na liberdade e capaz de, através dessas novas idéias, colocar o país em sintonia com o moderno espírito científico.

A esse respeito BARROS (1986) observa que:

*Pensando a história das idéias no Brasil nas suas conexões com os países que a polarizam, 1870 lembra logo o advento da terceira república em França, a guerra Franco-Alemã, de inegáveis repercussões sobre o nosso pensamento; pensando-a em função dos acontecimentos internos, é o ano que marca o fim da guerra do Paraguai e a fundação do partido republicano. Além disso, os próprios intelectuais do tempo tomam a data por marco: se bem que deitando raízes em um passado pouco mais longínquo, é a partir desse momento que ganham corpo as novas idéias do século – positivismo, darwinismo, materialismo, etc.*

Entre as “novas idéias” que iam penetrando no Brasil, isto é, no diminuto círculo de letrados, do fim do império, o darwinismo, o monismo de HAECKEL, os materialistas, SPENCER etc., o positivismo, talvez por vir precisamente da França, fonte perene das idéias brasileiras da época, era o que melhor se adaptava às condições econômicas e sociais da pequena classe média que procurava aproximar-se da “Ciência Positivista” – principalmente na Escola Politécnica e no Exército, afastando-se um pouco da influência da igreja católica e de sua cultura tomista.

A verdade é que a “Ciência Positivista”, apesar do seu apego às fontes idealistas de onde provinha, era para o Brasil um “progresso” de consciência, no sentido que era uma contrapartida aos dogmas cristãos que predominavam em detrimento do saber racional. Politicamente, os positivistas se “aproximavam” dos republicanos. Mas, “eram republicanos à sua maneira, à sua originalíssima maneira” e não estavam de todo em acordo com o manifesto de 1870. Essa “maneira positiva” era uma espécie de “ditadura republicana”, que o apostolado positivista, em setembro de 1888, sugeria a Pedro II, pela palavra de Teixeira Mendes. Era uma transplantação para o Brasil da posição do positivismo, ou seja, da burguesia francesa, que se colocava simultaneamente contra a “aristocracia” e a “democracia anárquica” – segundo caracterização

e a classificação Comteana – isto é, em outras palavras, contra a reação de um lado e o avanço das massas populares que ameaçam destruí-la, de outro. (BASBAUM, 1957).

Na França de Napoleão III, quase todos os empresários que lograram exercer uma influência econômica duradoura pertenciam a um grupo bem definido: não eram bonapartistas, mas “socialistas” sansimonianos. O utopista francês de que Augusto Comte foi discípulo e secretário entre 1817 e 1824, idealizava a sociedade do futuro como uma espécie de nação-estado corporativa na qual líderes da indústria assumiriam funções políticas de relevo. O termo “développement” no sentido forte de progresso material e social já comparece em Saint-Simon e no jovem Comte. Para estabelecer o sistema seria indispensável instaurar uma economia planejada que regulasse o desenvolvimento da nação como um todo (BOSI, 1994).

A “iluminação” positivista espalha seus raios no Brasil do século XIX, influenciando na organização da sociedade republicana com base no culto ao cientificismo, que desafia a dominação católica, instalando um novo apostolado, o da Igreja da Humanidade, a religião positiva – o culto à ciência.

A cultura positiva toma conta dos estudantes e intelectuais do final do século XIX. A vontade de reformar a sociedade política e socialmente, estava na ordem do dia. É bom lembrar que a “Comuna de Paris” abalara a tranqüilidade de espírito das classes endinheiradas; que no Brasil, a “questão religiosa”, abrindo um abismo entre bispos e o poder do Estado, entre Maçonaria e a Igreja, estimulava a difusão do ateísmo e doutrinas agnósticas; que o regime escravista agonizava, pondo em xeque a estrutura semifeudal dos campos; que engrossava o caudal da propaganda republicana, em meio ao desprestígio crescente das idéias ligadas ao Império. Nas pensões e “repúblicas” de estudantes, entre brincadeiras e literales, lia-se LITTRÉ e LAFFITE, adeptos de Augusto Comte.

Assim, os “Positivistas Ilustrados”, intelectuais, adeptos da filosofia de Augusto

Comte, despontam no cenário histórico da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, preocupados com os aspectos culturais da obra positivista, que elevassem o Brasil aos “tempos modernos”, por meio da racionalidade do caminho da ciência.

## O POSITIVISMO ILUSTRADO

Os homens de idéias, transmissores de idéias são comumente denominados de intelectuais. Nos ocuparemos, nesta parte do trabalho, de um grupo de homens que podem ser categorizados como intelectuais de seu tempo, os “Positivistas Ilustrados”.

Ao menos desde a República de Platão, os filósofos (homens de idéias) sempre se ocuparam e se preocuparam, ainda que sob denominações diversas, com o que fazem ou devem fazer os filósofos, isto é, eles próprios, na sociedade, com a influência que têm ou devem ter nas relações sociais para que essas relações não sejam abandonadas à cegueira do acaso ou ao arbítrio da vontade igualmente cega do mais forte. Os “intelectuais” são um velho problema da história das idéias.

O tema é antigo e perene porque, bem vistas as coisas, ele nada mais é do que um aspecto de um dos problemas centrais da filosofia, o da relação entre teoria e práxis (ou entre pensamento e ação) ou, em termos ainda mais gerais e filosoficamente ainda mais tradicionais, entre razão e vontade, quando tratado do ponto de vista daqueles que, a partir de um determinado período histórico e em determinadas circunstâncias de tempo e espaço, são considerados os sujeitos a quem se atribui de fato ou de direito a tarefa específica de elaborar e transmitir conhecimentos, teorias, doutrinas, ideologias, concepções do mundo ou simples opiniões, que acabam por constituir as idéias ou os sistemas de idéias de uma determinada época e de uma determinada sociedade. Que esses sujeitos históricos sejam prevalentemente chamados “intelectuais” apenas há cerca de um século e meio, não deve obscurecer o fato de que sempre existiram

os temas que são postos em discussão sobre o problema dos intelectuais, embora esses sujeitos tenham sido chamados, segundo os tempos e as sociedades, de sábios, sapientes, doutos, filósofos, homens de letras, literatos etc. (BOBBIO, 1997).

As idéias de Augusto Comte vão ser filtradas e introduzidas no Brasil por grupos de políticos e intelectuais do século XIX e início do século XX. O cientificismo da época entra na sociedade brasileira por meio de personagens “ilustrados”, componentes de uma espécie de classe média, composta por bacharéis das Faculdades de Direito, Faculdades de Medicina, escritores, filósofos e militares, que vão dar um tom abasileirado para a filosofia positiva.

As idéias em uma sociedade, em geral, estão relacionadas ao processo de urbanização. No caso do Brasil, o crescimento de algumas cidades começa a ser impulsionado pelo crescimento da lavoura cafeeira em São Paulo. O progresso econômico paulista, notadamente, exercerá influências nos destinos da política e da cultura nacional, durante a segunda metade do século XIX, juntamente com o Rio de Janeiro.

Segundo Ivan A. MANOEL (1996, p. 28):

*Enriquecidos pelo café, que na região passou de 808 arrobas colhidas no ano de 1836 para 200.000 arrobas colhidas em 1850, e atingiu a casa de 3.342.251 arrobas, em 1870, no conjunto da província, esses cafeicultores se empenham tanto para aumentar a área cultivada, quanto para melhorar a produtividade.*

Assim, o café no eixo centro-sul expande as finanças e funda a urbanização, favorecendo o aparecimento e a ampliação de uma camada média, na qual irão circular “novas idéias”, nem sempre casadas com os interesses da oligarquia, formada pelos “barões do café”.

A cidade é o ambiente propício para a filosofia. As idéias filosóficas carecem de um cenário urbano. O crescimento da população urbana e o desenvolvimento econômico-financeiro em torno do café, ampliam por consequência o movimento cultural da região.

*A nova lavoura representava, sem dúvida, uma criação original brasileira gerada de condições internas e particularmente de recursos internos. Só por isso, já anunciaria o novo. O que a distingue, entretanto, com mais importância, é a capacidade para, aproveitando o que existia de velho no Brasil, gerar o novo. Trabalhando um gênero novo, em uma zona nova, dá os seus primeiros passos na obediência a condições imperantes e valendo-se dos meios de produção disponíveis...*

*Por outro lado, a lavoura cafeeira oferecia margem de compatibilidade com lavouras de subsistência. À medida que alicerça o surto demográfico e leva a urbanização ao interior, chega a impulsionar a diversificação das culturas, embora para efeito interno. (SODRÉ, 1973, P. 226)*

Dentro do contexto de transformação política e econômica, surgem os positivistas de São Paulo, conforme descreve Ivan A. MANOEL (1996, p. 64):

*O grupo positivista tornou-se muito representativo em São Paulo, e a Província se constituiu em um centro irradiador dessa doutrina, tendo em Luis Pereira Barreto um de seus expoentes máximos. Na Faculdade de Direito de São Paulo, o grupo positivista publicou vários jornais divulgando suas idéias, como por exemplo, A LUTA, periódico no qual colaboram Alberto Sales, Rangel Pestana, Argemiro Galvão, Pedro Lessa, Assis Brasil, Martinho Prado Junior, Américo de Campos, Campos Sales e outros. Pelos nomes acima, pode-se perceber que o grupo positivista forneceu quadros para a administração local e nacional, no Império e na República.*

Os “intelectuais” de São Paulo assumiram a doutrina de Augusto Comte, valendo-se muito mais de seus aspectos culturais e pedagógicos, deixando as questões próprias da política, em segundo plano; os interesses e idéias do grupo paulista foram concentrados na mudança de costumes e na preparação mental dos membros da sociedade para adequação ao novo tempo, o tempo da Ciência. “A vertente considerada denominou-se ‘Positivismo Ilustrado’ e teve como figuras destacadas Luís Pereira Barreto (1840-1923),

Alberto Sales (1857-1904), Pedro Lessa (1859-1921)” (PAIM, 1981, p. 3).

A efervescência política, a luta pelo poder apresenta aspecto peculiar a esse tempo que é a busca do conhecimento científico com a finalidade de adequação em nível do século. “Os homens da década de setenta e oitenta se propõem, realmente, a ilustrar o país; a iluminá-lo pela ciência e pela cultura; a fazer da escolas ‘focos de luz’, donde haveria de sair uma nação transformada” (BARROS, 1986, P. 10).

Os filósofos do século XIX respondem ao apelo de seu tempo com idéias de organização da sociedade dentro dos padrões das ciências físicas e naturais. A razão, o desenvolvimento intelectual e a aplicação do instrumento, elementos presentes não só na obra de COMTE, mas também, nas obras de SPENCER ou STUART MILL ganham espaço no território cultural brasileiro.

*Pois, que não se continue a pretender que as teorias são uma bagagem de luxo, que a ciência pura deve ser proscrita dos programas de ensino. Muito longe de serem uma bagagem de luxo, as teorias são simplesmente um instrumento de trabalho, e de um momento para outro elas podem converter-se em uma fonte de riqueza pública.*

A recomendação acima é de um discurso de Luís Pereira Barreto, publicado em 1896, que de alguma forma representa o anseio e a expectativa dos homens que viviam o “espírito” da época, pois a defesa da ciência fazia parte do discurso dos que se diziam sintonizados com as necessidades da modernização, através da construção de uma sociedade racional, liberta dos desvios causados pelos elementos da Teologia.

L. P. BARRETO (1840/1923) é o principal representante e articulador do positivismo ilustrado no Brasil. E chega a propor um esquema de “educação dos espíritos”, para que a ciência aplicada ao fato social seja base de uma “sociedade racional”; chegando a considerar lícitas as alianças com os “metafísicos” (republicanos liberais, bacharéis ecléticos, etc), para a derrota do catolicismo e de sua cultura tomista.

As teses centrais de BARRETO poderiam ser enunciadas da forma seguinte: como a possibilidade da sociedade racional só pode ser apreendida por uma elite reduzida, quem quer que haja ascendido a semelhante apreensão adquire o direito (e certamente que também o dever) de conduzir o povo naquele rumo, tanto mais que a doutrina ensina que o homem é determinado pelas condições sociais. A ênfase deve, pois, recair na mudança destas últimas. Em semelhante esquema mental não cabe a idéia de representação, que se evidenciaria como a conquista propriamente moderna no plano político. Em seu lugar, coloca-se a de tutela e hegemonia. (PAIM, 1974).

Assim, a segunda metade do século XIX, impulsionada pelo desenvolvimento econômico do eixo centro-sul, provocado pela produção das lavouras de café, será marcada pelo surgimento de cidades, ferrovias, comércio, “imigração” e personagens históricos, como os “Positivistas Ilustrados”, que dentro dessa nova geografia da sociedade brasileira, irão lutar pelo domínio intelectual, tendo como matriz a teoria da ordem (física social) e a teoria do progresso (dinâmica social), com a ilusão de que a ciência positiva de A. COMTE, seria o grande sinal de modernização e ilustração dos brasileiros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O positivismo de Augusto Comte representa no século XIX o sentimento da necessidade da ordem, como pulsação principal para o progresso do homem e da sociedade.

A ordem, no sentido mecânico da ausência de movimento, definida por COMTE como “estática social”, destaca-se como a legenda desse tempo e o fundamento da engenharia positivista, para a evolução da humanidade.

A cultura positivista baseia-se no que pode ser diretamente observado, medido, experimentado e confirmado em termos exatos; então, qualquer modo de pensar ou ação que foge ao padrão

matemático, não passa no crivo positivo e são tratadas como fantasias metafísicas.

A “luz” do pensamento de Augusto Comte, ganha espaço na emergente “camada média” brasileira da segunda metade do século XIX, quando “nossos positivistas” entrincheirados nas instituições de ensino, nos quartéis, nas repartições públicas etc., somam seus esforços contra o Império e a favor de uma República, sem negros no pelourinho, sem catolicismo hegemônico e com uma “nova religião” – a religião da humanidade, que com seus sacerdotes da ordem, implantaria o estandarte do “amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”, acreditando que nossa “ecclética” sociedade da época, convertida ao novo credo seguiria rumo ao patamar experimental e científico do estado positivo, abandonando os dogmas teológicos e as obscuridades metafísicas.

Heterodoxos com relação a doutrina de COMTE, os “Positivistas Ilustrados”, liderados por Luis Pereira Barreto, confiavam que a iluminação cientificista, viria inaugurar um tempo sem o mal-estar social gerado pelas idéias e ações baseadas nas emoções e impulsos metafísicos – um tempo matemático, físico e positivo, um estado onde o homem dependerá unicamente da razão e da ordenação das coisas para o domínio da natureza.

Então, neste inventário inicial sobre “homens de idéias” do século XIX, denominados de positivistas ilustrados, cabe destacar que, mesmo não conseguindo implantar a “sociedade racional positivista”, com suas cidades iluminadas pela lâmpada de Augusto Comte e com sua sede mundial localizada em Paris (cidade luz), esses “intelectuais”, que foram derrotados politicamente pelos liberais, conseguiram um feito que perpetuou a “Moral Positivista” neste país, o carimbo de “Ordem e Progresso”, no símbolo mais exibido aos brasileiros, a Bandeira Nacional; o que nos leva a pensar, que apesar dos avanços intelectuais contemporâneos, a sombra de COMTE e de seus adeptos está presente em nosso cotidiano e atravessará o novo milênio.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Roque S. M. de. **A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade**. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1986.
- BARRETO, Luís P. **A Vinha e a Civilização**. São Paulo: Riedel e Lemmi, 1876.
- \_\_\_\_\_. **As Três Filosofias**. Jacareí: Tip. comercial, 1876.
- BOBBIO, Norberto. **Os Intelectuais e o Poder**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- COSTA, João C. **Augusto Comte e as Origens do Positivismo**. São Paulo: Editora Nacional, 1959.
- \_\_\_\_\_. **Contribuição à História das Idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- MANOEL, Ivan A. **Igreja e Educação Feminina (1859-1919): Uma Face do Conservadorismo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.
- PAIXÃO, Carlos J. **O Positivismo e a Educação no Brasil**. Tese de Doutorado. FFC/UNESP, 1998.
- PAIM, Antônio (org.). **Plataforma Política do Positivismo Ilustrado**: antologia. Brasília: Ed. da UNB/Câmara dos Deputados, 1981.
- SODRÉ, Nelson W. **Formação Histórica do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.